



**Ex-presidentes da CUT
falam das lutas e desafios
para os próximos anos**
Página 2



**Do Conclat ao PL 4330:
Lutas e conquistas
da Central**
Páginas 4 e 5



**Em artigo exclusivo, Lula
fala da importância da
CUT pra o Brasil**
Página 8

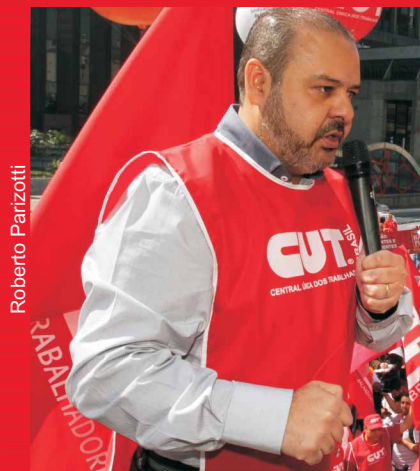


ANOS



TRANSFORMANDO O BRASIL

editorial



Roberto Parizzotti

Há 30 anos nascia a CUT, central fundada por trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade determinados a melhorar as condições de trabalho e de vida de toda a classe trabalhadora brasileira.

Nossas convicções e desejos de mudança nos levaram adiante, apesar da repressão da época, no início dos anos 1980, em plena ditadura. Desde então, a CUT liderou a luta entre o capital e o trabalho e também pela transformação do Brasil em uma sociedade mais democrática e igual. As conquistas foram muitas, mas ainda não são suficientes. Os trabalhadores e as trabalhadoras ainda sofrem com a alta rotatividade da mão de obra, com a precarização das condições de trabalho, a falta de escolas, de hospitais e de transporte público de qualidade, de creche e até de saneamento básico.

O Brasil precisa de um salto de qualidade. E essa é uma tarefa tão importante para o movimento sindical quanto as questões mais imediatas, como as campanhas salariais por aumento real de salário. É obrigação das forças progressistas, em especial da CUT, central de toda a sociedade, lutar para que os governos avancem cada vez mais.

Temos de representar os trabalhadores e trabalhadoras na plenitude de suas necessidades e continuar sendo agente importante da construção de um Brasil com desenvolvimento sustentável e inclusão social, um Estado indutor da economia. A CUT somos nós, nossa vez e nossa voz.

Somos fortes, somos CUT.

Vagner Freitas, presidente nacional

A CUT de Jair, Vicente, João, Luiz, Artur...

Os cinco ex-presidentes da CUT escreveram sobre os 30 anos da Central Única dos Trabalhadores para o Portal e Jornal da CUT. Cada um a seu modo falou sobre a razão de existir da CUT, a importância para a sociedade e a democracia

brasileira, as lutas e conquistas da classe trabalhadora, o protagonismo que ultrapassa fronteiras brasileiras para tornar a CUT respeitada em nível internacional, o futuro e a honra de ter presidido a maior central sindical da América Latina.



JAIR MENEGUELLI (1984 a 1994) - *"Hoje, o momento econômico, político e social é diferente. Muita coisa melhorou. Mas ainda não está perfeito. A luta da CUT precisa ser contínua para que a mudança seja plena. Lá no começo, o nosso sonho era juntar os sindicatos, era unificar o movimento com a Central Única dos Trabalhadores. E isso não aconteceu ainda. Enquanto o movimento sindical estiver dividido, as conquistas vão se tornar cada vez mais difíceis. E, em minha opinião, é o imposto sindical que está favorecendo a divisão."*



VICENTINHO (1994 a 1999) - *"Com as conquistas da CUT dos últimos anos devemos continuar apoiando o desenvolvimento do nosso País com a garantia de políticas públicas de crescimento com inclusão social, distribuição de renda e geração de empregos. Mas não nos esqueçamos das bandeiras de lutas que ainda tremulam em nossas mãos, como a redução da jornada de trabalho, o fim do trabalho escravo, a regulamentação da terceirização e o fim do fator previdenciário (com instituição de justas regras)."*



JOÃO FELÍCIO (2000 a 2003) - *"A CUT sempre soube combinar as lutas imediatas com as históricas, procurando demonstrar que as lutas por melhores condições de vida e de salário são insuficientes na construção de um Brasil democrático e justo. Por isso sempre elaboramos projetos globais e os disputamos na sociedade. Mesmo com os enormes avanços que tivemos nos últimos anos, reconhecemos que é preciso aperfeiçoar ainda mais a nossa Central."*



LUIZ MARINHO (2003 a 2005) - *"Eu assumi a direção da CUT na metade de 2003 e tínhamos o desafio de buscar manter o equilíbrio entre a atuação junto ao primeiro governo do presidente Lula e a luta por algumas questões que pudessem ficar como legado positivo para os trabalhadores. E acredito que conseguimos: implementamos um vigoroso programa de comunicação; concebemos, conceituamos e consolidamos o empréstimo consignado, que acabou virando uma política pública que fez diferença na economia, principalmente no bolso dos trabalhadores; e conceituamos a política de correção permanente do salário mínimo, que depois eu consolidei quando assumi o Ministério do Trabalho."*



ARTUR HENRIQUE (2006 a 2012) - *"A CUT já nasceu incomodando e continua sendo uma pedra no sapato de setores conservadores e, mais especificamente, daqueles em cujo coração não bate o desejo verdadeiro de um Brasil independente, onde todas as pessoas tenham emprego, renda, educação, cultura e saúde, a despeito da cor da pele ou das origens social e geográfica. É claro que estamos longe dessa conquista. Mas isso não quer dizer que o sonho acabou, nem tampouco que não esteja sendo construído passo a passo."*

• DIREÇÃO EXECUTIVA DA CUT NACIONAL

Presidente: Vagner Freitas. **Direção Executiva Nacional:** 2012-2015: Admiron Medeiros Ferro Júnior, Alfredo Santana Santos Júnior, Antônio Lisboa Amâncio do Vale, Aparecido Donizeti da Silva, Artur Henrique da Silva Santos, Carmen Helena Ferreira Foro, Daniel Gaio, Eduardo Guterra, Elisângela dos Santos Araújo, Expedito Solaney Pereira de Magalhães, Jacy Afonso de Melo, Jandyrá Uehara, Jasseir Alves Fernandes, João Antônio Felício, José Celestino Lourenço, Julio Turra Filho, Junéia Martins Batista, Maria Aparecida Faria, Maria das Graças Costa, Maria Júlia Reis Nogueira, Pedro Armengol de Souza, Quintino Marques Severo, Rogério Pantoja, Roni Barbosa, Rosana Sousa de Deus, Rosane Bertotti, Rosane Silva, Sérgio Nobre, Shakespeare Martins de Jesus, Valeir Ertle e Vítor Carvalho.

PRODUÇÃO

O **JORNAL DA CUT** é uma publicação da Central Única dos Trabalhadores produzida pela Secretaria de Comunicação (Secom) -

Secretária responsável: Rosane Bertotti

Jornalista Responsável: Luiz Carvalho (MTb 49852), William Pereira e Roberto Parizzotti (Imagens). Colaboraram nesta edição: Alex Capuano, Douglas Camargo Figueiredo, Leonardo Severo, Paula Brandão, Vanessa Paixão e Vanilda Oliveira. **Projeto gráfico, diagramação e capa:** TMax Propaganda. **Impressão:** Bangraf. Tiragem 20 mil exemplares

30 anos, muitas conquistas

Consolidação da democracia, impeachment de presidente, manutenção dos direitos trabalhistas, política de valorização permanente do salário mínimo, eleição de governos progressistas.

Todos os grandes momentos históricos nos últimos 30 anos tiveram à frente a maior central sindical do país, que jamais deixou as ruas. Seria impossível retratar neste espaço cada batalha cotidiana, mas apontamos a seguir algumas das principais conquistas nessas três décadas de vida.

Em julho de 1983, uma mês antes de ser fundada oficialmente, quando era ainda a Comissão Nacional Pró-CUT, a Central organizou a primeira grande greve geral no país. Mais de três milhões de trabalhadores cruzaram os braços por liberdade, redução da jornada de trabalho, por reforma agrária e contra decretos que arrochavam o salários.

Nove anos depois, a CUT foi às ruas de todo o país ao lado de partidos políticos e movimentos sociais para cobrar ética na política, o fim da corrupção e o impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello.

Em 1999, a Central e entidades do Fórum Nacional de Lutas promoveram uma marcha com mais de 100 mil pessoas em Brasília. Na ocasião, entregaram ao presidente da Câmara dos Deputados um abaixo-assinado subscrito por mais de um milhão de pessoas para enquadrar Fernando Henrique Cardoso em crime de responsabilidade pela privatização do Sistema Telebrás. O fórum deu origem à Coordenação dos Movimentos Sociais.

Século novo, a mesma garra – Os anos do ex-presidente FHC à frente do país foram marcados pela tentativa de enfiar goela abaixo o receituário neoliberal que incluía a flexibilização da CLT e a retirada de direitos. Em 21 de março de 2002, paralisações, manifestações e passeatas de categorias cutistas de todo país derrotaram FHC, que não conseguiu levar adiante esse projeto.

No mesmo ano, a Central apoia e celebra a eleição do primeiro operário à presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Vitória que se repetiria oito anos depois, com a eleição da



Valter Campanato/ABR

Trabalhadores da CUT ocupam Brasília na 3ª Marcha do Salário Mínimo, em 2006

primeira mulher presidenta da República, Dilma Rousseff.

No mínimo, uma grande transformação – No ano de 2006, a CUT lidera a 3ª Marcha Nacional do Salário Mínimo. Mais de 20 mil manifestantes foram até a Esplanada dos Ministérios para cobrar uma política permanente de valorização do salário mínimo, que acabou adotada em abril de 2007, e

se tornou uma das maiores conquistas da classe trabalhadora para o país. A medida impactou diretamente na distribuição de renda, redução da pobreza e diminuição das desigualdades regionais.

No ano seguinte, o movimento sindical ocupou a Câmara e, no dia 11 de março, viu o projeto de lei 1.990/07, que reconheceu as centrais sindicais, ser aprovado.

Ampliar direitos e frear retrocessos

No final de 2012, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostrou as garras e apresentou 101 medidas para flexibilizar os direitos trabalhistas. A resposta veio com os trabalhadores nas ruas. A CUT, as demais centrais sindicais e os movimentos sociais promoveram a 7ª Marcha da Classe Trabalhadora, em março de 2013.

Com mais de 50 mil em Brasília, mas escondida pela velha mídia, a manifestação defendeu uma pauta que incluía 11 pontos, entre eles, lutas históricas como a redução da jornada sem redução de salário, 10% do PIB para a educação, 10% do orçamento da União para a saúde e o fim do fator

previdenciário. A marcha deu início a um processo de negociação com o governo federal e a assinatura, pela presidenta Dilma Rousseff, do decreto que permite a regulamentação da Convenção 151 da OIT, que prevê direito de negociação para os servidores públicos de todo o país.

O contrataque dos patrões veio em forma do Projeto de Lei 4330/2004, do empresário e deputado federal Sandro Mabel (PMDB-GO). Sob o argumento de regulamentar a terceirização, a proposta amplia a precarização das relações trabalhistas e ameaça todos os direitos dos trabalhadores com carteira assinada.

Em maio, o PL começou a ser discutido na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania da Câmara e, diante da pressão da CUT, uma mesa quadripartite foi constituída. Porém, não houve acordo sobre três pontos principais da proposta: o limite para a contratação de terceirizadas, a garantia de organização sindical e a adoção da responsabilidade solidária – aquela em que a contratante assume as pendências deixadas pela terceira. Atualmente, a proposta aguarda para ser avaliada pelo plenário da Câmara e a Central pressiona para que o texto seja engavetado.

CUT

BRASIL

30

ANOS

21 e 23 de agosto

1ª Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras (Conclat) cria Comissão Nacional Pró-CUT

1º de outubro

Dia Nacional de Lutas contra desemprego e carestia e a favor de reforma agrária, democracia, moradia e liberdade e autonomia sindical

12 de junho

Manifestação contra o decreto-lei 1910, que mudava regras da Previdência

21 de julho

Greve Geral com mais de 3 milhões de brasileiros

26, 27 e 28 de agosto

1º Congresso Nacional da Classe Trabalhadora funda a Central Única dos Trabalhadores. Mais de 5 mil delegados. Jair Meneguelli é eleito coordenador-geral

18 de maio

Plenária Nacional - Luta pelas Diretas Já.

25 de maio

Dia Nacional de Luta e Greve Geral

24 a 26 de agosto

1º Congresso Nacional da CUT (Concut), em São Bernardo,

com 5.222 delegados. Greve Geral é definida como o principal instrumento de luta. Jair Meneguelli é eleito presidente

10 de outubro

Marcha a Brasília Por Diretas Já e por jornada de 40 horas semanais

13 a 15 de dezembro

1ª Plenária Nacional em São Bernardo defende Convenção 87 da OIT

1º a 3 de agosto

2º Congresso Nacional, com 5.5 mil delegados(as), define política de Formação, luta pela recuperação das perdas salariais do Cruzado e necessidade de participação na Constituinte

12 de dezembro

25 milhões em Greve Geral comanda pela CUT e pela CGT contra a política salarial do Plano Cruzado

1981

1982

1983

1984

1985

1986

1987

1992

1993

1994

1995

1996

21 de fevereiro

Dia Nacional de Luta em Defesa da Previdência

15 a 18 de julho

5ª Plenária Nacional, em SP, decide pelo impeachment de Collor

13 de março

Dia Nacional de Protesto - Diga Não ao Governo Collor

Junho a outubro

CUT e diversas entidades em campanha pelo impeachment

24 a 28 de agosto

6ª Plenária Nacional, em SP, aprova cota mínima de 30% para mulheres e participação nas câmaras setoriais

Setembro a novembro

CUT e movimentos sociais lideram Movimento Nacional contra a Revisão Constitucional

23 de março

URV (Unidade Real de Valor) entra em cena após aumento de preços que ultrapassa, em média, 400%. Salários ficam estagnados. Greves e manifestações no Dia Nacional de Protesto contra o Plano Fernando Henrique

Abril e maio

Privatizações à vista e a constante ameaça de revisão constitucional levam a CUT realizar greves e manifestações

19 a 22 de maio

5º Congresso Nacional elege Vicente Paulo da Silva presidente. Os 1.918 delegados aprovam luta contra o neoliberalismo

13 a 15 de dezembro

1ª Plenária Nacional em São Bernardo defende Convenção 87 da OIT

1º a 3 de agosto

2º Congresso Nacional, com 5.5 mil delegados(as), define política de Formação, luta pela recuperação das perdas salariais do Cruzado e necessidade de participação na Constituinte

12 de dezembro

25 milhões em Greve Geral comanda pela CUT e pela CGT contra a política salarial do Plano Cruzado

Abril

CUT e Fórum Nacional de Lutas realizam Jornada em Defesa do Brasil

15 a 19 de agosto

7º Congresso Nacional reúne 2.309 delegados(as) em Serra Negra (SP) e define campanhas contra banco de horas, horas extras e pela redução da jornada sem redução de salários. João Felício é eleito presidente

5 de abril

Mais de 20 mil manifestantes em Brasília pela CPI da Corrupção e o pagamento das contas expurgadas do FGTS, sem desconto

21 de junho

Brasil às escuras. CUT e Fórum realizam campanha Uma Luz para o Brasil Contra o Apagão e a Corrupção

21 de março

FHC quer flexibilizar a CLT, enfrenta mais de 1 milhão de pessoas nas ruas no Dia Nacional contra a Flexibilização da CLT e recua

8 a 11 de maio

10ª Plenária Nacional defende Lula para presidente

3 a 7 de junho

8º Concut: defesa de uma Previdência que amplie direitos, luta contra a Alca e a eleição de Luiz Marinho presidente foram algumas das decisões. 2.712 delegados. Lançada campanha pela carteira assinada

13 a 15 de dezembro

I Marcha Nacional do Salário Mínimo, em conjunto com as demais centrais

Maio

11ª Plenária Nacional da CUT delibera sobre a necessidade de mudança da política macroeconômica e da radical transformação da estrutura sindical

Maio e junho

A oposição comanda ataque sem precedentes ao governo Lula, após crise intitulada de mensalão, Luiz Marinho deixa a CUT rumo ao Ministério do Trabalho.

João Felício assume

Agosto
No dia 16, CUT e dos Movimentos levam 40 mil a Brasília para a apuração das eleições e defesa de João Felício

30 de novembro

II Marcha Nacional do Salário Mínimo

2000

2001

2002

2003

2004

2005

2007

2008

2009

2010

2011

10 de abril

CUT e centrais realizam Dia Nacional de Lutas, tendo como eixo principal a luta contra a emenda 3.

23 de maio

Novo Dia Nacional de Lutas

15 de agosto

CUT mobiliza cerca de

20 mil militantes em Brasília para o Dia Nacional de Mobilização, pelas Convenções 151 e 158, contra a emenda 3 e a redução da jornada

5 de dezembro

IV Marcha da Classe Trabalhadora

14 de fevereiro

Governo atende reivindicação da CUT e envia para o Congresso os textos das Convenções 151 e 158.

Março

Tem início a coleta de assinaturas em todo o país em favor da redução da jornada

de trabalho. CUT é reconhecida legalmente no dia 11

4 de junho

Abaixo-assinado pró-redução da jornada é entregue ao Congresso

Feveiro

Dia Nacional de Luta pelo Emprego e Salário

Março

10º CONCUR: criação das secretarias do Meio Ambiente, Juventude, Combate ao Racismo, Saúde do Trabalhador e Relações do Trabalho. Artur Henrique da Silva é eleito

Agosto

Jornal Nacional de Lutas

Dezembro

Marcha Nacional da Classe Trabalhadora reúne 50 mil pessoas em Brasília, pela pauta dos trabalhadores

Maio

CUT realiza Dia Nacional de Mobilização e Paralisação pelas 40 horas semanais

Junho

Conferência Nacional da Classe Trabalhadora em SP reúne 22 mil trabalhadores e aprova a Agenda da Classe Trabalhadora. Dilma Rousseff é eleita presidenta da República, com o apoio oficial da CUT

Outubro

13ª Conferência Nacional da Classe Trabalhadora em SP reúne 22 mil trabalhadores e aprova a Agenda da Classe Trabalhadora. Dilma Rousseff é eleita presidenta da República, com o apoio oficial da CUT

TRANSFORMANDO O BRASIL



Primeira Presidência
Coordenação
Sociais (CMS)
Brasília para exigir
anúncias, reforma
do governo
do Salário

5 a 9 de junho
9º Congresso Nacional da CUT reúne 2.491 delegados(as) e define a luta pelo desenvolvimento com distribuição de renda como uma das prioridades. Artur Henrique é eleito presidente

Agosto
Lançada em 18 de agosto a Campanha Unificada dos Trabalhadores, rumo ao contrato coletivo nacional

6 de dezembro
III Marcha Nacional do Salário Mínimo

2006

2012

2013

Agosto
Plenária lança campanha unidade e economia, por a nova estrutura Sindical

Julho
Vagner Freitas é o primeiro bancário a ser eleito presidente nacional da CUT. Mulheres da CUT conquistam a paridade

Março
Marcha da Classe Trabalhadora leva mais de 50 mil trabalhadores da base da CUT a Brasília

Agosto e setembro
Dia Nacional de mobilização e Paralisação, atos passeatas contra o PL 4330, da terceirização

Prefeitura de São Bernardo do Campo



ONTEM

Em 1983, com a presença de mais de 5 mil delegados de 912 entidades, realiza-se o I Congresso Nacional da Classe Trabalhadora (CONCLAT), em São Bernardo do Campo.

HOJE

Em 2013, milhares de cutistas ocupam entrada do Congresso para barrar Projeto de Lei 4330, que amplia a terceirização e ameaça direitos trabalhistas



Ronaldo Barroso

Jovens buscam espaços de decisão no movimento sindical

Se não houver espaço para que o jovem seja dirigente no movimento sindical, ele irá se organizar em outro ambiente no qual possa ser protagonista das mudanças". O vaticínio é do secretário nacional de Juventude da CUT, Alfredo Santos Jr. e ficou evidente no pós-manifestações de junho. Aos 31 anos, o dirigente vê na criação e abertura desse espaço, na renovação, um dos grandes desafios da Central Única dos Trabalhadores, em seus 30 anos.

Na opinião de Alfredo, esse desafio embute a descoberta de como tornar a política sindical "factível e atraente para dialogar com a realidade desses jovens", em especial depois dos protestos que tomaram e surpreenderam o Brasil e o mundo, em junho, pela forma como foram convocados (mídias digitais) e realizados (milhões de pessoas nas ruas, sem lideranças definidas e aparentes). E também instrumentalizados pela mídia comercial e setores conservadores da sociedade.

Para enfrentar esse desafio, afirma o dirigente, "é preciso compreender a realidade e pensar como adaptar e mudar nossos conceitos para que a CUT se torne um espaço de representação e de organização dessa juventude que está disposta a se organizar". Isso será possível, segundo Alfredo, aproximando a luta da Central com o que essa juventude considera demanda real.

"A partir dessa aproximação, poderemos fazer a disputa de classe de forma mais abrangente.



Roberto Parizotti

Dirigentes e militância jovem da CUT: demandas da juventude na pauta da Central

Reconhecer o passado, para atuar no presente e construir no futuro." Para o dirigente, o papel da juventude cutista é justamente este: identificar quais as demandas dos/as jovens trabalhadores/as para que os sindicatos possam incluí-las em suas pautas de reivindicações.

Sobre as manifestações de junho, o secretário da Juventude diz que "é preciso entender que essas novas ferramentas (internet, facebook, twitter,

instagram e outras) não são uma substituição, mas sim um complemento das formas tradicionais de mobilização dos trabalhadores - como panfletagens, carros de som etc. "É a apropriação de uma nova metodologia que não nega as anteriores. Elas se somam e se complementam."

Para Alfredo, "esses jovens não estão dispostos a entrar em uma estrutura na qual não possam influir diretamente nos rumos políticos do País".

Sem fronteiras, CUT quer ampliar solidariedade internacional e atuação no campo

Desde sua origem, a CUT entende a importância da luta unificada da classe trabalhadora para além das fronteiras nacionais em todo o mundo e sempre atuou em parceria com o movimento sindical de outros países.

"Muitos dos problemas que vivenciamos aqui são iguais aos que vivenciam os trabalhadores europeus ou da América Latina. Nossa missão é levar nossa solidariedade e experiência de organização a outros povos", explica o secretário de Relações Internacionais da Central, João Felício.

Essa visão fez com que a CUT se filiasse à Central Sindical Internacional (CSI) e à Central Sindical das Américas (CSA) e criasse, em dezembro de 2012, um instituto de cooperação para coordenar projetos em parceria com organizações de outros países, principalmente,

da América Latina, Caribe e África.

"Defenderemos a distribuição de renda e a valorização do trabalho, tendo como premissas a liberdade sindical e a consolidação da negociação e acordos coletivos", diz o presidente do Instituto e secretário-adjunto de Relações Internacionais da Central, Artur Henrique.

Campo de conquistas – Em três décadas de história, a central sindical que reúne a maior parcela dos sindicatos de trabalhadores rurais do país, também atuou contra a violência no campo e por programas de valorização da agricultura familiar e dos trabalhadores rurais. Mais recentemente, participou da discussão sobre o Código Florestal.

Porém, garantir condições dignas no país passa por uma autêntica reforma agrária, dívida que o Brasil ainda não quitou e que está

presente na agenda da CUT. "Essa é uma pauta que faz parte de nossos princípios, e por isso, estamos na linha de frente de grandes manifestações, como a Marcha das Margaridas.", lembrou a vice-presidente da Central, Carmen Foro, que defende a necessidade de ampliar a participação dos rurais dentro da Central.

Coordenador Geral da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (Fetraf), Marcos Rochinski lembra que a representação sindical no campo enfrentou o mesmo desafio da cidade: vencer os pelegos. "O sindicalismo que originou a Fetraf é o mesmo que lutou contra peleguismo na cidade, por liberdade e autonomia sindical sempre buscando romper com o velho sindicalismo e é isso que continuamos defendendo", disse.

Das cotas à paridade, as mulheres na história da Central

Há 30 anos, quando a CUT era fundada, o Brasil ainda lutava para eleger um presidente da República pelo voto direto. Naquela época, poucos poderiam imaginar que esse cargo, um dia, seria ocupado por uma mulher, ainda mais ex-presa política. Demorou mais de três décadas para isso virar realidade, mas muito antes da eleição de Dilma Rousseff, as mulheres já faziam história na maior central sindical do País.

Três anos após a fundação da CUT, a importância de enxergar as necessidades e especificidades das trabalhadoras ganhou forma com a Comissão Nacional sobre a Questão da Mulher Trabalhadora, criada em 1986 no 2º CONCUT.

Primeira coordenadora, Didice Delgado comandou a Comissão até 1993. “Tivemos de rebater o argumento de que a organização das mulheres dividia e fragmentava a classe trabalhadora”, conta.

“Era um momento militante para homens e mulheres. A pauta era geral, contra a ditadura, por liberdades democráticas, pela construção de uma Central independente e autônoma em relação a governos e partidos”, lembra Rosiver Pavan, primeira trabalhadora a assumir uma secretaria nacional da CUT, a de Imprensa e Divulgação, em 1993.

Política de gênero - O debate sobre cotas de gênero na Central começou em 1992. Um ano depois foram estabelecidos os 30%, mas somente em 2012, no 11º CONCUT, a paridade foi aprovada para garantir que os cargos da direção nacional e das estaduais sejam ocupados por, no mínimo, 50% de mulheres.

“Conseguimos estabelecer na CUT uma política de gênero que nunca se interrompeu ao longo dos anos, resultado de nossa organização e capacidade de exigência e de negociação. A partir da implementação da cota, aumentou a visibilidade das mulheres na Central e a mulher como dirigente deixou de ser um fato excepcional. A direção ficou mais democrática”, avalia Didice.

Primeira mulher a coordenar um Congresso da

CUT, em 1997, e a se candidatar à presidência, em 2000, Mônica Valente assumiu a Secretaria de Formação após a implementação das cotas, em 1993. Para ela, uma política fundamental no processo de transformação do espaço de direção.

“A entrada de mais mulheres foi desmasculinizando o poder nas pequenas coisas, como horários de reunião, porque algumas companheiras tinham de pegar o filho na escola”, lembra Mônica. “Acabamos humanizando o comando e trazendo questões que antes eram impensáveis, como a Convenção 156 da OIT (Organização Internacional do Trabalho), que trata da divisão de atividades familiares.”

Mônica afirma que a luta por igualdade de gênero acabou por chamar a atenção sobre outros setores historicamente discriminados – negros, jovens, LGBT – e tornou-se uma luta contra a discriminação, que é utilizada para rebaixar direitos.”

Para a secretária da Mulher Trabalhadora da CUT, Rosane Silva, a eleição da presidenta Dilma é uma das principais conquistas nos últimos anos por permitir que as mulheres se enxerguem em um cargo público e se reconheçam capazes de ocupar espaços que sempre foram considerados masculinos. “Em muitas áreas, como a construção civil, mecânica, já vemos mulheres trabalhando, resultado também da pressão que fizemos para que as políticas públicas enxergassem os dois gêneros. Inclusive no campo, espaço em que a mulher, mesmo que trabalhasse na roça tanto quanto o marido, era vista como dona de casa e não agricultora.”

De olho no futuro, as trabalhadoras da CUT encaram o primeiro semestre de 2014 como um período decisivo, quando promoverão uma grande mobilização em parceria com os movimentos sociais para cobrar avanços. “Vamos colocar uma grande ação na rua, dialogar com a sociedade e levar a pauta ao governo federal para debater políticas que alterem a cultura brasileira e mudem a realidade das mulheres no país”, disse Rosane.

Mulheres no Brasil e na CUT



Didice (ao microfone): 1ª. coordenadora da Comissão Nacional da Mulher Trabalhadora

- O Brasil tem 100,5 milhões de mulheres
- Elas formam 51,5% da população
- São 9% dos 513 parlamentares na Câmara dos Deputados
- São 10% dos 81 parlamentares no Senado
- Ocupam 10 dos 39 ministérios do governo Dilma
- De cada 10 famílias no Brasil, 4 são chefiadas por mulheres
- Ainda hoje ganham 40% a menos do que recebem os homens para exercer a mesma função
- São 60% do total de brasileiros que chega ao final do curso superior
- Das 27 estaduais da CUT, 9 (33,3%) são presididas por mulheres
- Das 13 secretarias nacionais da Central, 5 são ocupadas por mulheres, além da vice-presidência

FONTES: Pnad/IBGE e Censo do Ensino Superior (2010), CUT Nacional

Luta contra a discriminação está no DNA da Central

O combate à discriminação está no DNA da Central Única dos Trabalhadores desde a fundação. Presente no estatuto, o princípio foi sendo consolidado no processo de representação da classe trabalhadora. Muito se fez, mas muito ainda tem de ser feito.

Para a secretária de Combate ao Racismo da CUT, Maria Júlia Nogueira, o desafio é fazer da defesa da igualdade parte do cotidiano do movimento sindical. “Não transformaremos a realidade enquanto os sindicatos não se preocupam em conhecer e cobrar a aplicação de medidas como a Lei 10.639/03, que determina o ensino da história e da cultura afro-brasileira e

africana nas escolas”.

Segundo Maria Júlia, os sindicatos precisam ter a preocupação de incluir em suas convenções coletivas cláusulas que combatam o preconceito no ambiente de trabalho”. Ela lembra que, em 1992, a CUT criou a Comissão Nacional de Luta contra a Discriminação Racial e, em agosto de 2008, a Secretaria de Combate ao Racismo, que substituiu a comissão e preservou as mesmas atribuições.

Inclusão - Para Anaildes Sena, uma das coordenadoras do Coletivo de Trabalhadores com Deficiência da CUT, criado em 2006, é preciso conscientizar os sindicatos sobre a

importância de lutar por acessibilidade e mobilidade urbana, dentro e fora das empresas, além de cobrar o cumprimento da Lei 8.213/91, que determina cota à contratação de pessoas com deficiência.

Primeiro coordenador do coletivo e representante da CUT no Conselho Nacional da Pessoa com Deficiência (Conade), Isaias Dias diz que o desafio é frear as tentativas de retrocesso. “No Congresso, está em discussão Estatuto que inclui propostas como a que permite terceirizar a contratação de trabalhadores com deficiência. Não podemos admitir que uma medida como essa seja aprovada”.

Editorial Especial

CUT

Espírito inovador e ousadia desde a fundação

Roberto Parizzoti



A CUT é fruto do esforço dos que não desistiram de organizar a classe trabalhadora nos momentos mais difíceis; criando comissões no chão da fábrica, fazendo reuniões nos bairros e igrejas, frequentando as assembleias, fazendo avançar os sindicatos.

Foi graças a esse esforço cotidiano de organização que os trabalhadores brasileiros surpreenderam os patrões e a ditadura, nas grandes greves de 1978, 1979 e 1980.

Nós lutávamos por dignidade, contra a exploração da classe trabalhadora, pelo direito de greve e de livre organização sindical.

Lutávamos por liberdade e democracia. E fazíamos avançar a consciência política dos trabalhadores, até mesmo quando nossas greves eram derrotadas, como ocorreu em 1980.

Naquele ano, ficou claro que os trabalhadores precisavam também ter sua própria representação política, e foi quando criamos o PT.

O PT somou-se a outras forças políticas e sociais na luta pela redemocratização do país: os militantes comunistas, o PDT de Leonel Brizola, o PMDB do doutor Ulysses, o PSB, as comunidades de base da Igreja, os companheiros que vinham do exílio e organizações como a OAB e a ABI.

Foi um dos momentos mais ricos da nossa história, porque aprendemos a combinar a luta política institucional, a disputa de eleições, com as reivindicações sindicais e a organização nos movimentos sociais.

Foi também um momento de ampliação da consciência sobre os direitos das mulheres e dos negros, do reconhecimento das minorias, contra a discriminação e por responsabilidade na questão ambiental.

Nesse ambiente efervescente, realizamos a primeira Conferência Nacional da Classe Trabalhadora, a Conclat de 1981, que apontou a necessidade de criarmos uma central sindical

independente, organizada e dirigida diretamente pelos trabalhadores.

A CUT foi construída a partir da base, de baixo para cima, com uma representatividade inédita na história do sindicalismo brasileiro.

A organização autônoma da classe trabalhadora desafiou uma proibição expressa da legislação autoritária.

A criação da CUT está, portanto, diretamente associada ao processo de redemocratização do Brasil, que resultou neste que é o mais longo período de vigência do estado de direito e das liberdades democráticas em nossa história.

É muito importante que os mais jovens conheçam essa trajetória, para compreender que a história não começou ontem, e que somos capazes de transformar a realidade.

●● A contribuição da CUT para o desenvolvimento e para a redução das desigualdades no Brasil é inestimável ●●

A CUT fortaleceu os sindicatos nas negociações com as empresas e com os governos, e participou efetivamente dos principais movimentos que levaram o Brasil a ser hoje um país maior, mais democrático e mais justo.

A CUT esteve nas ruas, no movimento pelas Diretas, e na Constituinte, defendendo os direitos sociais e a livre organização dos trabalhadores.

Apoiou os movimentos sociais da cidade e do campo, levando a solidariedade dos trabalhadores a todos que clamavam por justiça.

Apoiou a criação das cotas sociais e raciais no

ensino e nas instituições, combateu a homofobia e a violência que atinge as mulheres.

A CUT resistiu corajosamente às tentativas de dissipar o patrimônio nacional; atuando em defesa da Petrobras e dos nossos bancos públicos.

Alguns dos maiores programas sociais que temos hoje, como o Bolsa Família, o Minha Casa Minha Vida, o Fies e o novo Pronaf, não seriam possíveis se a CUT não tivesse lutado para preservar a Caixa e o Banco do Brasil.

A riqueza do pré-sal não estaria ao nosso alcance hoje, não fosse a mobilização da sociedade para salvar a Petrobras dos que desejavam faltar e enfraquecer a empresa – para, quem sabe, privatizá-la. A CUT e a FUP tiveram um papel heroico nessa mobilização.

Lembro que a CUT apoiou decididamente a eleição dos nossos governos democráticos e populares, sem abrir mão de sua autonomia.

Ao longo desses dez anos, a CUT participou, com suas propostas, do intenso diálogo social que resultou em políticas públicas abrangentes e socialmente inclusivas.

Cito, por exemplo, a política de valorização permanente do salário mínimo, graças à qual o valor real do salário e das aposentadorias de mais de 40 milhões de brasileiros cresceu em torno de 70%.

Neste sentido, a CUT manteve o espírito inovador e a ousadia que inspiraram sua criação, 30 anos atrás.

A sociedade brasileira não espera menos da CUT do que uma contribuição democrática e qualificada para enfrentar os novos desafios do País.

Luiz Inácio Lula da Silva